



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ANTONIO GOMES ROCHA ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato Nacional
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Esclarecendo

O nosso modesto jornal, usando sempre de uma linguagem chã, sem ofender crenças políticas, religiosas ou filosóficas, tem procurado desempenhar o seu papel de defensor dos interesses materiais e moraes dos habitantes da nossa freguesia, e assim, tem focado nas suas páginas, as principaes necessidades da freguesia.

Nunca nas colunas de «O Comércio da Ajuda» se escreveram palavras de ataque a A. ou a B. Nunca nas colunas do nosso jornal se fez a mais pequena insinuação contra *este* ou *aquelle*. Nunca no nosso jornal se atacaram por qualquer forma, as crenças ou ideias políticas do nosso povo.

Sempre pela Ajuda, dentro das normas da cortesia e da delicadeza.

Sempre pela Ajuda, respeitando os poderes constituídos, e usando de uma linguagem simples, sem odios, intenções dúbias, odios mascarados ou acintes.

Foi assim, até hoje, que se escreveu no nosso modesto quinzenário; e assim se escreverá sempre; motivo porque não tememos a represalia de quem quer que seja, visto que temos do nosso lado a Razão, o Direito e a Justiça.

Ameaças tôlas ou estupidas, não receamos, porque em Portugal ainda ha leis, ainda ha juizes e ainda ha quem atenda os oprimidos.

E, depois de êste esclarecimento, cumpre-nos agradecer muito reconhecidamente, todas as provas de deferencia, recebidas de tantos e tantos amigos, que sinceramente, de alma e coração, estão a nosso lado, como a nosso lado está a Justiça e a Rasão.

O nosso jornal será sempre, como até hoje, um defensor intemerato dos interesses moraes e materiais dos habitantes da nossa freguesia da Ajuda, e... como tal, não receia as ameaças de espiritos fracos, que não tendo coragem para o mais pequeno serviço em prol da humanidade, temem a linguagem franca da Verdade, da Justiça e da Rasão.

À COMPANHIA CARRIS DE FERRO

Escreve-nos um nosso amigo, apoiando as nossas palavras sobre o desconforto a que estão sujeitos os expedidores da Carris, no Largo da Boa-Hora, e pedindo-nos ao mesmo tempo que chamemos a atenção da Companhia Carris para um abuso que se verifica quasi todos os dias, e nas horas de maior movimento, na paragem da zona de Alcantara, onde os carros para a Boa-Hora, Calçada e Ajuda são tomados quasi de assalto, por empregados da mesma Companhia, policias e bombeiros, que quasi enchem as plataformas dos carros, motivo porque ficam em terra os passageiros *pagantes*.

Como êste facto prejudica bastante os habitantes da nossa freguesia, ousamos pedir á Companhia Carris que aumente o numero de carros nas horas de maior movimento, unica solução que encontramos a contento de todos.

Guerra à Guerra!

Disse, no último artigo, tudo indicar a aproximação duma nova guerra, atendendo à maneira apressada como todas as nações procuram armar-se o melhor possível, ao mesmo tempo que vão aperfeiçoando os inventos de exterminio. Infelizmente, não virá longe o dia em que a metralha, entrando em acção, fará desta vez uma maior colheita de vidas, em holocausto á maldade dos homens. Vem muito a propósito uma crónica que me acaba de chegar ás mãos, da autoria de Julião Quintinha, figura de alto relevo no jornalismo, que nas letras portuguesas, é hoje um dos escritores mais apreciados, e que, com o desassombro que lhe é peculiar, diz, sobre a hora que passa, o seguinte:

«Como nunca, pode dizer-se que estes tempos calamitosos constituem a época das revoluções.

É no Oriente, a China contra o Japão e os chinezes uns contra os outros, fazendo correr sangue entre irmãos, por causa das complicadas palavras nacionalismo e comunismo. É, na America, a Bolívia e o Paraguay em armas; o Chile e a Argentina ainda com mal curadas feridas das últimas revoluções; os Estados Unidos com a tranquillidade ameaçada, devido aos milhares de antigos combatentes que organisaram um formidável e macabro exército, a que chamam o *exército da fome*; e finalmente, o Brasil, que ha mais dum mês é assolado por uma terrível guerra civil onde milhares de homens têm perdido a vida, apenas porque ha um senhor, chamado Getulio Vargas, que entende que o seu capricho de governar é mais respeitável, do que a vida de milhares de homens».

Na Alemanha, o perigo mundial de Hitler, que, com o seu exército de 150.000 homens, está ás portas de Berlim, para conquistar o governo pela força das armas — quem sabe se na eminência de desencadear uma catástrofe irremediável.

Como compreender nesta época, onde a ciência, a filosofia, a literatura e a arte, atingem um alto grau, marcando páginas brilhantes na história da Civilização — tamanho desprezo pelas serenas soluções da inteligência, tudo confiado ás contingências da Força?

Quanto mais vejo os homens em armas, mais vejo a possibilidade de se multiplicarem os odios, as retaliações, os despeitos, as represálias, as reacções, sem que a humanidade seja mais feliz!

Sobre os grandes problemas vai o tempo passando e pesando como montanhas de chumbo, e cada vez é mais angustiada a anciedade e inquietação dos individuos, que vão rolando na corrente, como naufragos dos ideais.

Para onde marcha o mundo?! Onde, os efeitos da Civilização?! Que fazem os sábios, os filósofos, os sociólogos e os artistas?!

Mas, então, vivemos numa época em que só tem razão o que tem mais força?!

(Conclue na pagina 6)

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOSVINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

A Questão das Aguas e o Bairro da Ajuda

Continuo no meu posto de combate defendendo os interesses dêste populoso e velho bairro, sob o ponto de vista do seu abastecimento de água. Mostrei o direito que lhe assistia em ser provido do precioso liquido pela Companhia das Aguas, á face dos seus contractos, e como o podia ser pelos actuais reservatórios da zona alta, Campo de Ourique ou de Pombal, pelo menos até ao Largo da Ajuda; mostrei igualmente como a Companhia estava fóra dos seus contractos, dispondo de água para applicações fóra da cidade, enquanto não garantir um minimo de 100 litros por habitante desta. E' preciso não esquecer estes pontos e nêles martelar constantemente, até que o velho bairro da Ajuda seja devidamente abastecido de água, não apenas nos seus chafarizes, mas provido da sua rêde de distribuição domiciliária.

Para o seu completo abastecimento, outras obras urge fazer, tais como um novo reservatório de distribuição num ponto apropriado da sua área, e uma estação elevatória. E estas obras impõem-se, seja qual fôr o plano do futuro abastecimento, quer com águas do Tejo, quer com a de outras captações introduzidas no canal do Alviela.

O forte de Monsanto, hoje cadeia civil, e o pôsto rádio, são ao presente abastecidas com água da Companhia, por meio de uma pequena cotação elevatória, a dois passos do lugar da Buraca; uma cotação elevatória de maior potência, nêste ponto ou nos reservatórios de Arcolena, permitiria elevar a água para um reservatório em ponto apropriado da Serra de Monsanto, e uma rêde de distribuição conveniente a levaria aos diversos pontos da freguesia.

Esta obra não pode ser feita, certamente, com a verba que resta do fundo especial para obras, desfalcado em grande parte pelas últimas obras feitas e que nada beneficiaram o nosso bairro.

Quando na Camara, procurei tratar dêste assunto com toda a lealdade, vendo os meus pontos de vista postos de banda para se seguir um caminho que conduziu a resultados desastrosos, e que estão ainda, certamente, na memoria de muitos. Defendi o ponto de vista do aumento do preço da água, para que o fundo de obras podesse aumentar de maneira a permitir a realização das que se impunham. Sendo o preço da água de 20 centavos o metro cúbico em 1914, admitia como razoavel que áquele preço fosse applicado o coeficiente 12 para se obter o seu preço actual, que seria, pois, de dois escudos e quarenta centavos o metro cúbico. E quando tudo tem aumentado numa proporção cuja média não é inferior a 15, não era isto facto que podesse ser tido por violencia.

O ponto de vista da Companhia era que o Governo fizesse um novo contracto, prevendo-se o aumento do preço da água, para que se podessem fazer as obras necessárias ao novo abastecimento.

E, como já referi, havia negociações entabuladas entre a Companhia e o Ministro do Comercio, Passos e Sousa, quando a Comissão Administrativa da C. M. L., em 1926, tomou posse, e a que, pela sua deliberação de resgatar o contracto com a Companhia das

Aguas, pôs ponto. Mas, por diversos motivos, e entre eles não posso deixar de mencionar estes — pouco tino por parte da Camara e teimosa opposição por parte da Companhia — não se fez o resgate, e seis anos preciosos são passados, fazendo-se apenas uma parte minima de obras projectadas, com o exíguo fundo apurado pela verba da sobretaxa cobrada ao presente para aquele fim!

Como tudo isto é triste! A ruim teimosia de uns e estulta vaidade de outros, fizeram perder um tempo precioso, e quando a cidade podia ver a grave questão do abastecimento de águas resolvida, e ter a água precisa para as suas mais urgentes necessidades, debate-se numa crise para a qual o único remédio é esperar que o bom Deus abra as bicas do Olimpo para dar água a jorros; e que os homens desta terra se entendam e com afinco realizem as obras estudadas tantas vezes!

Cabe-me aqui dizer que, inclinando-me ao resgate dos contractos com a Companhia das Aguas, por parte da Camara, apenas via nessa operação o meio pratico de realisar um novo contracto para abastecimento de águas á cidade de Lisboa, contracto esse que garantisse os interesses da cidade e do municipio.

Feito o resgate, seguir-se-hia a adjudicação dos serviços de abastecimento á empreza que fizesse o contracto mais favoravel para os interesses publicos; nada de municipalisação dos serviços das águas. Eu dizia sempre que a haver municipalisação era preciso que a Camara fizesse, em primeiro lugar, o que a Companhia fazia, isto é, manter o serviço de abastecimento e distribuição, tal como ele se encontrava, e depois, que a Camara fizesse o que a Companhia não fazia, isto é, melhorar áqueles serviços. E quem me garantia que a Camara fizesse o que então se fazia em materia de abastecimento e distribuição?

Não, não era eu que me ia meter na aventura da municipalisação do serviço das águas. Por isto nunca me pronunciei pela municipalisação desses serviços, mantendo sempre firme, o ponto de vista da sua adjudicação. Admitia-se que um dos concorrentes e porventura novo adjudicatario, fosse a própria Companhia das Aguas, pois seria esta entidade aquella que estaria em melhores condições para concorrer ao novo serviço de abastecimento de água á cidade de Lisboa. Mas este meu ponto de vista fazia calafrios a certas

Santos & Brandão**CONSTRUCTORES****Serralharia - Forjas - Caldeiraria
Soldadura a autogénio****R. D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)****TELEFONE BELEM 207**

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA"
e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas
e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor
e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora
e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda,
e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira
qualidade, a preços razoaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Quimico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.^{as} feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

peessoas que entendiam que havia um potentado a derrubar.

Diz-se que o Governo vai publicar um decreto fazendo passar o serviço de obras, hoje a cargo da Companhia, pelos seus contractos, para o Ministério das Obras Públicas.

Um jornal da manhã, dando esta noticia, até chegou a expor quatro fases do novo empreendimento e, mais, nos dá a agradabilissima noticia que este seja o último verão em que, em Lisboa e seus arredores, se faça sentir a escassez de água.

Oxalá se realise por completo este vaticinio, mas estamos habituados a tantas decepções...

Aguardando o anunciado decreto, e sem estar no segredo dos deuses, a seu tempo voltarei ao debatido assunto, fazendo no entretanto os mais sinceros votos para que S. Ex.^a o moço, inteligente e activo engenheiro Duarte Pacheco, ilustre titular da pasta das Obras Públicas, possa resolver este importante assunto com a largueza e rapidez que ele requer.

Estudos, projectos, comissões, relatórios, planos, sentenças, controversias, teimas, vaidades, de tudo tem havido em barda; realizações práticas, rápidas e sensatas, tais como a gravidade do assunto o exige, isso é que tem faltado, e é o que o público, agora sequioso e sempre ansioso, espera de S. Ex.^a. E, de atalaia sobre esta monumental questão para a cidade de Lisboa, e sobretudo para a freguesia da Ajuda, está este modesto quinzenário.

B. S.

Este número foi visado pela Comissão
de Censura

PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO

MAS APRESENTADOS SEM INTENÇÃO DOGMÁTICA

DOS MEUS APONTAMENTOS, por Alexandre Settas

Todas as leis da táboa do Destino são sábiamente inalteráveis e justas e se no seu cumprimento de precisão rigorosamente matemático foram affectados principios e razões, abalados escrupulos e sentimentos, é porque todas essas injentes transmutações obedecem á vontade única e suprema do Criador dos Cosmos.

Ser optimista é uma modalidade da alma que tem facilidade em aceitar como boas, ou pelo menos toleráveis, as duras circunstâncias da Vida.

Não quer, pois, dizer que se aceite como excelente o que fôr péssimo só pelo desejo de contrariar a razão.

Para que um povo progrida e marque com segurança o seu lugar entre as nações civilizadas é mais precisa a sólida educação de todos os seus componentes do que a argúcia diplomática de quem o representa.

Podem os dirigentes ser de elevada competência moral e intelectual que, sem a força colectiva que dimana da intellectualidade lúcida e activa dos governados, nada consegue o esforço do melhor intencionado governo.

As paixões teem a intensidade que se lhes empresta, pela fraqueza de quem as sente. A influencia de quem as gera é aumentada ou diminuida consoante a força moral que as delimita. Algumas vezes, mesmo depois de se manterem num duradouro apogeu, tombam, esbatem-se e anulam-se pela própria vontade de quem delas foi escravo.

A moral de certas criaturas que teem uma noção errada da probidade, assemelha-se ao artificio do caracterizador que cuida com interesse do individuo a reproduzir, sem avaliar da semelhança distante entre o natural e o representado.

Quem mente por sistema cria um tal ambiente de falsidade a envolver o que afirma que nunca logra o crédito de quem lhe conhecer o hábito.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Caçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercaria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

A AJUDA de outros tempos

Devemos notar que os officios divinos celebrados na capela mandada levantar pelo rei D. José, sómente atingiram o grau de brilhantismo, a que nos referimos, depois de nessa igreja se ter instalado a Patriarcal. Em seguida ao terremoto a Patriarcal foi trasladada para a ermida de S. Joaquim e Santa Ana, contigua ao palacio do Marquês de Abrantes, em Alcântara, até que em 16 de Junho de 1756 passou para o templo existente na Cotovia, próximo á praça hoje chamada do Rio de Janeiro. Devorado este edificio por um pavoroso incendio em 1769, foi então que, depois de excessivamente e por pouco tempo ter funcionado nas igrejas de S. Roque e S. Bento, a Patriarcal se instalou na Ajuda com todo o seu pessoal e dignidades.

Antes disso, a Capela era, por assim dizer, privativa para as solenidades a que a Corte tinha o dever de assistir, e que todavia se celebravam com a magnificência a que a presença do rei obrigava, embora o templo fosse pequeno e modesto na sua estrutura.

O padre José Baptista de Castro, no seu *Mapa de Portugal*, publicado em 1763, diz-nos que D. José, quando o cataclismo de 1755 encheu de terrôr a população de Lisboa, se retirou para a sua quinta da Ajuda e aí estabeleceu residência em barracas de lona, relativamente luxuosas, até que estivesse concluido o palácio que á pressa se mandou edificar. Para as suas práticas religiosas utilizou a antiga capela de Nossa Senhora da Ajuda, onde já em 7 de Dezembro desse mesmo ano se celebraram, com pessoal vindo da Patriarcal, as vésperas

de Nossa Senhora da Conceição. No dia seguinte, porém, na ocasião em que o rei, acompanhado de toda a corte, assistia á missa da festa, um novo abalo de terra se fez sentir, espalhando o susto e a confusão entre os assistentes. Então D. José ordenou que se abreviasse quanto possível a construção da nova capela real, junto ao palácio; e de facto, tão rapidamente ela foi concluida, que já nesse mês de Dezembro ali foram celebradas as vésperas do Natal, a que o rei assistiu numa tribuna erguida do lado da Epistola. E como complemento da capela se mandou levantar uma torre de madeira com quatro sinos, no terreno próximo da paróquia, torre que foi inaugurada na presença do rei e sagrada pelo bispô de Lacedemônia.

E' de notável importancia a que acabamos de transcrever resumidamente do livro citado, por ter sido escrito por um homem da época e certamente testemunha presencial dos factos.

Apoiados em afirmações de vários autores, temos dito que a primitiva capela de Nossa Senhora da Ajuda foi erigida para o culto de uma imagem encontrada por uns pobres pastôres; e que esse pequeno santuário, mais tarde substituído por outro de maiores dimensões e mais apurada architectura, foi por fim arvorado em paróquia, talvez em 1552.

Interessante se nos afigura, dar conta agora aos nossos leitores, do que o mesmo padre José Baptista de Castro, no já citado *Mapa de Portugal*, diz sobre o assunto.

Afirma elle que no cartório da igreja não existe qualquer noticia que nos conduza á certeza da data da sua instituição e do facto que lhe deu origem. Apenas uns antigos livros de baptisados ali se encontra relativos ao ano de 1592.

com o nosso semelhante, pois procedendo assim andaremos bem com a consciência.

Todos os anos, na bendita noite do natal, tu tens pôsto o teu pequeno sapatinho na chaminé, para que o Menino Jesus nêlo coloque as prendas vindas do céu para ti, e todas as vezes que assim fizeste, encontraste sempre muitos brinquedos e muitas coisas de utilidade.

Ainda há bem pouco tempo tu tiveste uma discussão com um teu condiscípulo, pelo facto de este te haver dito que o Menino Jesus não pôe coisa alguma nos sapatos dos meninos, e que quem faz de Menino Jesus, são os nossos pais. Tu indignaste-te com essa afirmação, e disseste-lhe que não podias acreditar nessas palavras, pois que fora teu padrinho que dissera ser o Menino Jesus quem dava as prendas, e teu padrinho nunca mentira.

Fizeste bem em tomar a defeza de teu padrinho, que nunca mentiu, se não no que diz respeito ao Menino Jesus, e mesmo assim com a melhor das intenções, qual é a de seguir uma velha tradição de há muitas centenas de anos, e que tem por fim, obrigar os meninos a terem muito juizo para merecerem as prendas do Menino Jesus.

De facto, o teu condiscípulo disse a verdade. São os pais, os avós, os padrinhos e os tios, que nessa santa noite, aproveitam uma das mais lindas e comovedoras tradições do nosso bom e querido Portugal, para oferecerem aos seus filhinhos, netinhos, afilhadinhos e sobrinhos, alguns brinquedos ou coisas aproveitáveis.

Se tu, tivesses mais entendimento e pudesses raciocinar melhor, devias ter reparado que é sempre aos meninos pobres, áqueles cujos paisinhos nada temem que comer, que vestir, e que muitas vezes estão cheios de fome, e que portanto mais precisam; a esses o Menino Jesus nada leva!

Não te faria espécie, meu querido afilhadinho, que o Menino Jesus se tivesse esquecido dos meninos pobres?! Por certo extranharías que assim succedesse, se como digo, tivesses mais raciocínio.

Pois como querias tu, meu querido Jorge, que na

Farmácia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telef. 329

Consultas médicas diárias

pelos Ex. Srs.

Dr.

Carrilh Xavier

às 10 horas

Medina Sousa

às 17 horas

Serviço

nocturno ás

sexta-feiras

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L. DA

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amator e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

E, sem nos mostrar em que fundamenta a sua suposição, diz parecer-lhe que já em 1587 nessa capela existiam irmandades, e estar crente de que a paróquia foi erecta em 1551.

Esta falta de documentos que comprovem a versão geralmente seguida deixa-nos em dúvida sobre a autenticidade da lenda que de há séculos vem ligada á fundação da capela, tanto mais que Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano*, ao falar desta igreja e seu titulo, afirma ter havido um aperecimento de imagem, mas não dá a razão do seu dito, não conta a historia do aparecimento nem lhe fixa a época, e chega á conclusão de que tudo isso será impossível de averiguar-se.

E' talvez baseado nestas considerações, que o padre Vicente Ferreira, vulgarmente conhecido na sua época pelo *padre Vicente das Folhinhas*, num manuscrito existente na Biblioteca da Ajuda, diz que, se realmente o aparecimento da imagem se tivesse revestido de circunstâncias dignas de nota, num ou noutro devoto teria nascido a lembrança de o relatar e deixar perpetuado, como aconteceu com os aparecimentos das imagens da Nazaré, da Arrábida, da Penha de França, das Necessidades, do Livramento, e mais posteriormente a da Senhora da Rocha.

E o padre Vicente, depois de falar em certa legenda, que diz ter sido gravada num túmulo existente na parede fronteira á porta da igreja, legenda que, tomada apenas na sua significação vaga, não perpetua a memória do findado, e não justifica por isso o dispêndio feito em a collocar ali, apresenta acêrca da instituição do templo uma hipótese para que, de facto, encontra alguns argumentos que julgamos interessante reproduzir.

A legenda ou epitáfio diz apenas:

Já fui homem... sou terra.

deiras palavras, posso affiançar-te que foste tu, meu pobre afilhadinho, o seu último pensamento.

Retribui-lhe com igual moeda. Nunca te esqueças da memoria dela. Nas tuas preces, nos teus pensamentos mais íntimos e mais affectivos, nunca te esqueças da tua santa mãeinha.

A nossa mãe é o ente que mais nos quer. Vê, meu querido rapazinho, o que João de Deus, o inequalável amigo dos pequeninos, e autor da boa cartilha em que aprendeste a conhecer e a juntar as lindas letras do alfabeto, diz da mãe:

Não é mais fundo	Mais vasto, largo e extenso
O mar no equador,	Todo esse céu também.
Nem é todo este mundo	Do que o amor imenso
Maior do que esse amor;	De um coração de mãe!

Vê agora o que diz um outro poeta, Casimiro de Abreu:

Feliz o bom filho que pôde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do ajuo dos amores,
Da estrela brilhante que a vida nos guia!
— Uma mãe! —

Apprecia agora esta linda e encantadora poesia de João de Deus:

ENGEITADINHA

De que choras tu, anginho?
Tenho fome e tenho frio!
E so, por este caminho
Como a ave que caiu
Ainda implume do ninho!...
A tua mãe já não vive?
Nunca a vi em minha vida;
Andei sempre assim perdida,
E mãe por certo não tive!
— E's mais feliz do que eu,
Que tive mãe e... Morreu!

Ora no reinado de D. João I, quando a frota destinada á tomada de Ceuta se encontrava ancorada na Praia do Restelo, dois navios do Infante D. Pedro se chocaram, por efeito de uma violenta tempestade.

Mandou o rei que as galés do Infante D. Henrique fôsem em socorro dos navios em perigo, um dos quais, prestes a alagar-se e ir ao fundo, era a nau de João Gonçalves Homem.

Não se sabe quem era este Gonçalves Homem, comandante ou simples empregado da nau, porque o seu nome não aparece na relação dos fidalgos que tomaram parte na expedição, nem figura entre os nomes dos combatentes. Poderia ser um simples marítimo, encarregado de velar pelo navio no ancoradouro, e que, no momento do perigo, invocasse o socorro de Nossa Senhora, fazendo voto de lhe edificar uma ermida.

E o padre Vicente conclui:

«Chegado a Ceuta; arvorada na mais alta torre a bandeira de Lisboa com a imagem de S. Vicente pintada; tomada a cidade; purificada uma das mesquitas, e dedicada a Nossa Senhora com o titulo de Assunção, em cujo oitavário se estava; e partida a frota para Portugal, viria João Gonçalves Homem na mesma nau já reparada, e, chegado ao sitio hoje da Ajuda, escolheria, para edificar a ermida e cumprir o seu voto, o cabeço deste monte, de onde se avista o mar, que esteve para ser a sua sepultura. A ermida poderia ser o pequeno recinto, que hoje é alpendre, e fronteiro á porta poderia ser o altar. Por sua morte se poderia fazer sepultura aí, e então a lenda se torna enfática, porque em cinco palavras contém o nome *Homem* — João Gonçalves Homem — e a sentença moral: *sou terra*.

«Parece haver recordações da época do voto, ou do perigo, que foi a época de tomada de Ceuta:— 1.º pela

Veze como os poetas falam da mãe ???!

Todos nós devemos imenso a nossa mãe. Sem ela nós nunca seríamos coisa alguma.

Tens vivo teu paisinho, que muito e muito te quer.

Faze-lhe as vontades, respeita-o e procura seguir-lhe as pisadas como cidadão, como filho, marido, pai e amigo.

Respeita sempre os membros de tua família, que embora pobre, é muito honrada.

Estuda o mais possível para depressa te tornares um homem prestável á sociedade.

Respeita o teu professor, os velhos, as senhoras e trata com consideração os teus condiscípulos e todas as outras pessoas com mais idade do que tu.

E... quando fores mais crescido dir-te-hei mais alguma coisa, do muito que entendo necessário dizer-te.

Teu padrinho muito amigo.

Lisboa, 3/2/932.

Do livro de António Gomes Rocha
"LIÇÕES DA VIDA"

Carta a um afilhadinho

Como completas hoje 8 anos de idade, julgo de toda a necessidade dizer-te algumas palavras, neste dia tão solene para ti, para teu paisinho, avósinhos, tios e padrinhos, já que não podes receber as benções carinhosas e bem sinceras de tua mãeinha, que mal chegaste a conhecer.

E' que um menino quando completa oito anos de idade, já pensa, já vê, e já deve saber o que faz e o que vê.

Meu Jorginho, a vida do homem, não é sempre bafada pela sorte, succedendo até muitas vezes, que os melhores, áqueles que espalham o bem pelo seu semelhante, e que se sacrificam pela Pátria, pela Ciência e pela Humanidade, são os mais desditosos, os menos felizes. Isso não obsta porém, a que todos procuremos cumprir com galhardia, com generosidade e com grande apramo moral, os nossos deveres para com a sociedade e para

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fiqueteiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Caçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128

AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde sêr adquirido gratuitamente :

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}

PADARIA
Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor : FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE
JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade
Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes
Fornecedor de materiais de construção
TELEFONE BELEM 54

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes
Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

imagem, que mais alude á Assunção do que a outro título, em razão dos anjos que a imagem tinha de cada lado, e que talvez tenha na peanha; 2.^o em razão da imagem a S. Vicente pintada nos azulejos.

«Concorrendo os fiéis á ermida por devoção ou por algum beneficio, e erecta nela a irmandade da Senhora, poderia ser essa a época de se edificar a igreja em ponto maior, e o poderia ser pelos tempos de D. João 3.^o, com adjutório da rainha D. Catarina, que era mui devota desta imagem, e que na sua viuvez a mandou levar para o seu palácio durante uma enfermidade que teve, e daí para a igreja de Belém, deixando outra na freguesia, pôsto que em diferente attitude, e talvez que então se puzesse nos azulejos a imagem de S. Sebastião, por motivo ou em agradecimento da cura de seu neto.

«Tudo isto são conjecturas».

E o padre Vicente termina por afirmar a sua crença em que a época da primeira edificação deveria ter sido por 1460 ou talvez antes.

Terá razão nas suas conjecturas, ou serão elas apenas uma fantasia, mais ou menos escudada com factos verdadeiros?

Não nos compete a nós dize-lo, que nos limitamos a apontar as opiniões ou afirmações que chegam ao nosso conhecimento, e muito do fundo da alma lamentamos a deficiência de documentos de que os vários autores se queixam e que contribuiriam para a fixação da verdade.

Alfredo Gameiro.

Casal de Pedro Teixeira

Recebemos uma carta, relatando-nos certos factos que presentemente occorrem neste populoso casal, onde nunca se viu a sombra de um policia (?).

Como a mesma carta não vem assinada, rogamos ao nosso informador, o favôr de pessoalmente, nos ilucidar sobre os factos apontados na referida carta. Nós guardaremos sigilo sobre o seu nome, se assim o desejar.

No entretanto chamamos a esclar-cida attenção do digno chefe da nossa esquadra de policia, pedindo-lhe a grande fineza de mandar patrulhar devidamente o Casal de Pedro Teixeira que conta hoje um elevado numero de habitantes.

GUERRA Á GUERRA!

(Continuado da página 1)

E para que quer a humanidade todos os recursos da ineligência?!

E para que serve a religião com a sua influencia espiritual?!

E para que servem os homens de Estado acumulados de honras e proventos?!

Revolução pacifica e salutar, seria aquella que os homens bons e trabalhadores de todo o mundo fizessem, sem armas, sem sangue, os braços caídos, as bôças caladas, até que a Razão vencesse na terra. Não será possível. Bem sei que tudo isto é uma utopia.

Gritemos, pois: Guerra à Guerra!

Alexandre Rosado.

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117
R. da Junqueira, 293-B a 293-D
Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216
Calçada da Ajuda, 154 a 156
Largo 20 de Abril (Calvário), 1

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE **João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97—LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

A crise de habitação

VII

Os portugueses distinguem-se muito bem dos outros povos, principalmente, pelas suas magnificas qualidades bemfazejas.

Qualquer bando precatorio que se organise com o fim de socorrer o seu semelhante, a sua bolsa abre-se generosamente, para dela sair o óbulo de harmonia com as suas possibilidades. E esta grande e admiravel qualidade nota-se, muito especialmente, naqueles que se defrontam com as maiores dificuldades, naqueles que passam as mais terriveis privações!

Quasi diariamente aparecem por essa Lisboa peditórios, uns, para socorrer individuos sem trabalho, outros, para acudir a cr-aturas que, ostendidas no seu humilde catre, prostradas por doenca, não podem adquirir os meios indispensáveis ao seu tratamento e ao sustento dos entes que lhe são caros. E quem aparece a entregar o seu óbulo generoso? Na sua maioria aqueles que nas suas casas tem falta de tudo, ou de quasi tudo!

Ainda ha bem pouco tempo se realizou na capital um peditário para a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, tendo-se constatado um facto, que põe bem em evidencia o sentimentalismo do povo, visto que ao encontro das numerosas senhoras que se espalharam pela cidade, de saquinho na mão a recolher os competentes donativos, foi o burguês, foi o comerciante, o empregado no comércio, o funcionário público, o operário, etc. e, até mesmo aqueles que vivem, estendendo também a mão á caridade pública! Todos quiseram contribuir para uma obra verdadeiramente humanitaria, que tem por missão o combate á tuberculose, que está ameaçando seriamente a humanidade.

Mas, para atacar de frente o terrivel cataclismo — a tuberculose — que tantos progressos tem feito nestes últimos tempos, será o suficiente, arranjar-se o dinheiro necessario para se levantarem pavilhões destinados a receber e tratar aqueles que tem a infelicidade de ser contaminados por essa mortifera enfermidade? Salvo melhor opinião, nós afirmamos que não. Entendemos que se deviam empregar todos os esforços possiveis, no sentido de se evitar a propagação desse tremendo flagelo, começando por procurar resolver o problema de habitação, factor dos principais, no desenvolvimento assustador desse cancro social que, diariamente, ceifa dezenas e dezenas de vidas preciosas, de cuja falta o país se está ressentindo de uma forma extraordinaria.

Consultem-se as estatisticas obituarias, que elas nos darão a percentagem pavorosa da mortandade ocasionada pela tuberculose; indague-se depois, quais as condições de habitação a que estavam sujeitas essas creaturas,

e digam-nos se não foram essas precarias condições, a causa primordial dessa mortandade.

E como não ha-de ser assim, se as condições em que vive uma grande parte da população, principalmente das cidades, aglomerando-se duma forma infamante, não permite o menor resguardo de pessoas contagiadas?

Como não ha-de o mal fazer progressos assustadores, se ninguém liga a menor importancia aos mais rudimentares preceitos de higiene, permitindo-se que, contagiados e não contagiados, se sirvam da mesma vasilha para beberem agua, ou qualquer outro liquido; se utilizem da mesma louca, do mesmo garfo, da mesma faca, da mesma roupa, sem a menor preocupação de submeter estes artigos, á indispensável desinfeccção? Como se ha-de entrar a carreira vertiginosa dessa diabólica doenca, se as casas são, na sua maioria, impróprias para nelas habitar seres humanos porquanto, nelas falta o ar e a luz, nas proporções devidas? A isto junte-se o horror que muita gente tem aos desinfectantes, e digam-nos se, não se encara a sério estes casos, e tantos outros, procurando-se o remédio adequado, daqui a muito pouco tempo, em que estado de definhamento se encontrará a raça portuguesa?

Agostinho António.

Vassoura Municipal

Nos tempos que já lá vão, quando no ripanço da nossa cama ouviamos varrer as ruas, tínhamos como certo o nascer do sol. A tarde, o regar das ruas, era sinal indicativo do pôr do sol. Hoje tudo mudou! Não ha regas, porque falta o melhor, que é a... água, e a respeito de vassoura municipal, passou a ser um artigo de luxo, e... como tal, só a vê quem habita nas avenidas ou ruas principaes, e mesmo assim a horas de grande transito, para que esse serviço seja devidamente apreciado.

A freguesia da Ajuda, já ha muito tempo que não gosa desses privilegios, sucedendo até que em certos lugares, se verifica a existência de grandes montões de lixo, como por exemplo na Calçada do Galvão (na parte compreendida entre a Rua do Jardim Botânico e Cemiterio), Rua Detraz dos Quarteis, etc., etc.

Para estas vergonhas, pouco próprias de uma cidade civilisada, chamamos, mais uma vez, a atenção da Camara Municipal.

Grupo Excursionista "Fixes e Garantidos da Ajuda"

Inicia hoje, este grupo, o seu passeio anual, visitando, entre outras localidades, Coimbra, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Penafiel, Porto, Luso, Buçaco, Pecaçova, Leiria, Tomar, Torres Novas e Santarem.

Na impossibilidade de um dos seus componentes tomar parte neste passeio, foi a sua quotisação, na importancia de 59\$00, distribuida pe a secção de beneficência dos jornais «Seculo», «Diario de Noticias» e «Comercio da Ajuda».

Ao nosso jornal foi entregue, para o efeito, a quantia de 39\$00. «O Comercio da Ajuda» agradece em nome dos seus pobres, e deseja aos excursionistas um feliz passeio.

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A - R. das Mercês, 121

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

Salão Portugal

CINEMA SONORO

Emprezário J. NICOLAU VERISSIMO

Travessa da Memória - Ajuda

TELEFONE BELEM 124

Sábado 20 ás 21,30 h. **Domingo 21**

Exibição do excelente filme sonoro e falado

A FERA AMANSADA

com DOUGLAS FAIRBANKS e MARY PICKFORD

Outros filmes sonoros de sucesso

NO DOMINGO: Matinée ás 2,30 h. da tarde

com os excelentes filmes

REPORTER ENDIABRADO e A GRANDE CORRIDA

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

A casa que tem sempre mais público, por só ter bons programas

Dias 23 e 24 — AL CAPONE e outros filmes sonoros

Dias 27 e 28 — O JOGADOR DE POLO, com Tom Mix e A ARCA DE NOÉ

Dia 29 — NOITES DE VIENA e O TAXI DA 1/2 NOITE

Dia 31 — DUPLA VICTORIA e outros filmes sonoros

Dias 3 e 4 de Setembro — ANJOS DO INFERNO

A SEGUIR — As ultimas super-produções de grande successo

Este salão é o mais fresco e ventilado da parte ocidental de Lisboa, conservando, mesmo com a lotação esgotada, uma temperatura agradabilissima.

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa

AGUA! AGUA! AGUA!

Muito se tem escrito e dito acerca d'este magno problema, não só neste jornal, como também em muitos periodicos da capital.

«O Comércio da Ajuda» tem feito o possivel para chamar a atenção dos dirigentes do País, para a situação inferior em que se encontra uma população de 27.000 entes que se estiolam com sede. No entanto apesar de todos os clamores, continua-se sempre na mesma, isto é, os habitantes da freguesia da Ajuda continuam a sofrer os horrores da sede, e isto, segundo o que se tem dito e escrito, por falta de verba para o abastecimento regular de agua á Ajuda.

O que se dá com a nossa pobre freguesia, dá-se de facto, também, com outros nucleos da população da cidade de Lisboa.

Ora não está certo que a capital dum país civilisado, que pretende ser a sala de visitas de estranhos, dê a estes, a impressão de uma ante-camara de hospital, apresentando os seus naturais o estigma de privações, visto que a sede faz modificar a fisionomia dos individuos que sofrem ôsse martirio, além de que não é humano nem justo que no seculo XX haja o suplicio da sede.

Apresentado o quadro acima, e, embora se tenha já dito muito, e se tenham apresentado muitos alvitres, seja permitido ao signatário da presente, a seguinte e modesta opinião sobre tão momentoso assunto, na certeza de que o alvitre que apresenta, não tende a diminuir ou desprestigiar aqueles, que, por qualquer forma tem interferencia no abastecimento de agua á cidade de Lisboa.

Assim, parecendo-me que a maior dificuldade no abastecimento de agua a Lisboa, é proveniente da grande despeza a efectuar com as obras de captação, mas verificando-se que no sub-solo da cidade de Lisboa e principalmente da parte ocidental da cidade, correm veios de agua, com que o *Marquez de Pombal* no seu grandioso projecto de desenvolvimento da Ajuda a Oeiras, contava não só para o abastecimento de agua á população, como também para a aguada aos navios, que haveriam de

atracar aos cais desde o Forte da Junqueira até alem de Oeiras, poderia muito bem, e, enquanto se não obtivesse receita para as obras de captação do rio Ota, a *Companhia das Aguas*, abrir poços ou desobstruir os aquedutos que ha algumas dezenas de anos foram crimonosamente entulhados.

Lembra-se o signatario que a Ajuda onde reside ha 41 anos, era abastecida antes da agua da Companhia, por agua que corria em 3 aquedutos, sendo um dos veios captado na Serra de Sintra.

Não terá sido crime, o ter-se feito extraviar essa agua?

Não será justo que a agua seja fornecida, já não digo gratuitamente, mas, por pequeno custo?

Reclamo agua, porque tenho sede, porque ela me é necessária, e finalmente porque tenho direito a ela, como tenho direito ao ar que respiro, porque ainda não se lembraram de arranjar uma Companhia Comercial que por contador, me forneça o oxigenio e o azote.

Viriato Pedro Antunes da Silva.

“Écos de Belém”

Segundo nos foi comunicado, tudo se resolveu a bem, no que diz respeito a este bom quinquenário.

Presentemente «Écos de Belém» está sendo dirigido pelo nosso presado colega Bastos Nunes.

O seu corpo redactorial é o antigo, com excepção do sr. António Cabral Rocha, acrescido de um ou outro nome já conhecido.

Saudando mais uma vez «Écos de Belém» fazemos votos pelas suas prosperidades.

“Lições da Vida”

Com este titulo acaba de sair do prelo um interessante livro de contos, da autoria do nosso director e amigo António Gomes Rocha, livro destinado a ser meditado, e que o autor julga necessário para acordar os bons sentimentos adormecidos.

Que me perdoe o autor, amigo e companheiro velho, mas ficaria mal com a minha consciencia se aqui não lhe chamasse a atenção para a falta de ilação a tirar do II conto, e que, se mo permitir, eu tirarei da seguinte forma: — os causadores da desgraçada vida de P. S. foram aqueles que o afastaram da familia.

Quanto ao resto, bom, demonstrando a dedicatória á Mãe o cumprimento de um dever digno de registo.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO P. NHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortiça, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

ATENÇÃO!

FATOS

fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 180\$00, com forros especiais, na officina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR.

(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.º, D.